



UNIDADE INDEPENDENTE
CLASSISTA e COMBATIVA

RE de 12/04 e CR DE 16/04

Balanço da greve do funcionalismo municipal de São Paulo



Os trabalhadores da Educação e demais setores do funcionalismo municipal de São Paulo demonstraram uma enorme disposição de luta, respondendo logo no início do movimento grevista com um grande índice de paralisação em seus locais de trabalho, índice que foi aumentando a cada semana. Quem atuou nos comandos de greve pôde constatar que havia muita disposição de luta, advinda principalmente das precárias condições de trabalho que tem levado os trabalhadores ao esgotamento físico e mental. É importante ressaltar esse elemento da disposição de luta, pois as direções sindicais traidoras possivelmente vão argumentar em outra direção, tentando responsabilizar os trabalhadores pelo fracasso do movimento, tentando ocultar sua responsabilidade nesta derrota.

Avaliamos que Nunes/MDB conseguiu impor uma derrota ao conjunto do funcionalismo municipal de São Paulo, pois não atendeu a nenhuma das reivindicações da classe, impôs a continuidade da política de arrocho salarial e de precarização do trabalho com as terceirizações e privatizações. O reconhecimento da greve por meio do pagamento dos dias parados é um elemento importante, mas não pode ser anunciado como vitória do movimento como algumas correntes políticas estão defendendo, pois nenhum trabalhador paralisa as suas atividades simplesmente para ter o reconhecimento do seu direito de greve, quando esse direito em nenhum momento foi ameaçado nesta greve.

A derrota sofrida pelos trabalhadores nesta greve é responsabilidade integral das direções sindicais, que atuaram com uma política divisionista, corporativista e eleitoreira, mantendo o movimento grevista na completa passividade, impedindo que outros encaminhamentos, de radicalização da greve, fossem defendidos nas assembleias. Só foi concedida a fala, durante os atos, aos membros da diretoria, que não divergiram da essência

traçada pela burocracia, e aos militantes de algumas correntes, que apesar de apresentar críticas à condução da greve, não propuseram medidas concretas para romper com o divisionismo e com o imobilismo das vigílias em frente à câmara.

Denunciamos ainda que em nenhum momento as burocracias sindicais trabalharam para impulsionar a luta nas ruas, nem tampouco para fortalecer a atuação dos comandos de greve nas regiões. A direção do SINPEEM não realizou sequer uma reunião unificada do comando de greve para organizar as visitas nas escolas. E nas assembleias ao invés de distribuir materiais para fortalecer a intervenção nos comandos, se limitou a distribuir camisetas, bonés e capa de chuva.

É fundamental que o conjunto da categoria compreenda a política eleitoral das direções sindicais como principal elemento que permitiu a vitória do governo, pois sua incompreensão tem levado os trabalhadores a questionarem a greve como método eficaz de luta próprio dos trabalhadores. Dizemos isto, por que, ao sairmos de uma greve derrotada, observamos nos debates uma tendência de questionamento da greve em si e não da forma como as direções conduziram a greve à derrota e que o fizeram, por que sua política expressa acima de tudo seus interesses eleitorais de ascender aos cargos do estado, e por isso subordinam as reais necessidades da classe às negociatas parlamentares, o que significa dizer que se forem eleitos, estarão também submetidos as imposições do capital financeiro, e reproduzirão o arrocho salarial e a precarização do trabalho. Um exemplo claro disso é a política do governo de frente ampla Lula/Alckmin, que mantém o congelamento dos repasses necessários para o funcionamento saúde e educação, com o objetivo de garantir o pagamento da dívida pública.

Portanto, a principal lição dessa greve é a de que não podemos confiar nas direções burocratizadas, que têm nos conduzido repetidamente à derrota, a cada movimento grevista que é desviado para as disputas parlamentares. Esse não é o campo de luta dos trabalhadores, mas sim da burguesia e de seus agentes no poder do estado. Significa dizer que é urgente a necessidade de construir uma fração sindical de oposição revolucionária no interior dos sindicatos, para recuperá-los para a luta em defesa dos empregos, do salário e dos direitos.

UNIDADE INDEPENDENTE, CLASSISTA E COMBATIVA



PPRI
Partido Proletário
Revolucionário
Internacionalista



INDEPENDENTES